



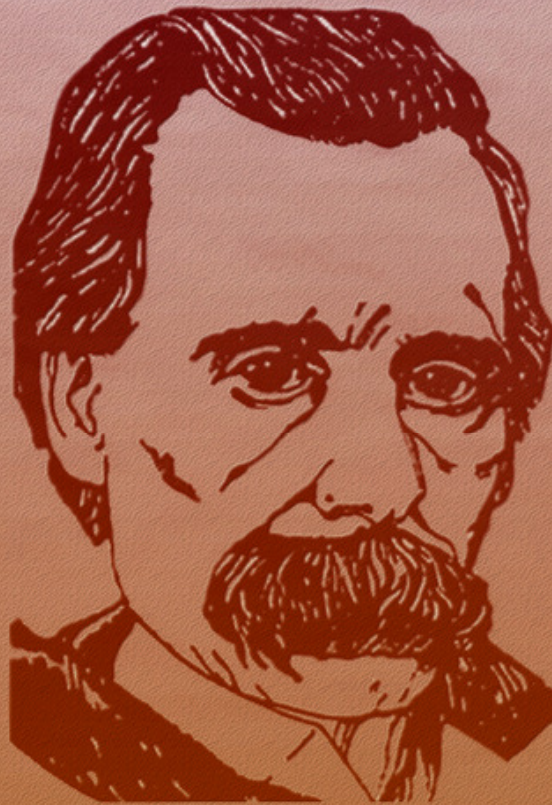
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Camilo Castelo Branco
Justiça



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Justiça

Camilo Castelo Branco

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1856.

Livro Digital (Gratuito) nº 438 - 2ª Edição - São Paulo, 2020.

Teatro - Literatura Portuguesa.

**Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825-1890)**



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

A ARTE E O PESSIMISMO DE EUGÊNIO DE CASTRO

Dada uma tal forma e natureza de espírito, nada mais conseqüente do que afirmar-se Eugênio de Castro, realmente, como o criador de Beleza que indicamos — criador de Beleza no sentido de síntese eurrítmica, de decoração e sugestão pictural, de fluidez melódica e riqueza harmônica.

E neste artista, que é um consciente, a compreensão da arte conjuga-se intimamente com a maneira de ser. Por isto o presente texto não será mais do que outra face da mesma moeda onde tentei gravar-lhe a efígie.

Se ele vê e sente por imagens vivas, se é sob essa feição que as suas melhores energias psíquicas lhe veem desabrochar na consciência — pensamentos e sentimentos, próprios ou alheios, só o interessam também a valer quando vazados em formas belas e movidos em cadências copiosamente ondulantes. Essa faculdade criadora de Beleza explica a sua orientação estética, a direção da sua atividade artística — o seu idealismo e o seu simbolismo. Fundamenta e justifica o seu culto do *estilo*, tal como ele o concebe, de preferência à notação do caráter.

Veremos que, a par da sua orientação estética, nos explicará também, de unida que vai com esta, a sua noção de Vida.

Perante as manifestações do Pensamento e da Emoção, é, na verdade, o esteta que predomina em Eugênio de Castro. Um poeta que, como ele, ama e sabe amar a Beleza, erguendo-a num culto, não pode deixar de manifestar essa tendência e essa qualidade. Assim, reveste sempre de nobreza e prestígio, de interesse glorificante, ou de tocante graça as paixões que objetiva, os sentimentos que aditam

as almas dos seus personagens. O artista é que distingue para o homem.

Sim, até no gênero de poesia onde se fundem as fronteiras da Vida e as da Arte, onde a revelação pessoal põe um abalo de calor humano — até mesmo aí ele nos aparece, acima de tudo, como mil cultor da harmonia, como um criador de formas belas.

Nos próprios sonetos e outras poesias de caráter amoroso, se muitas vezes esbate longes de tristeza, se se envolve em conceitos de intenção magoada e pessimista, se acentua acordes bemolados de saudade — a emoção penosa parece vir logo suavizada pela virtude derivante do instinto e do senso artístico, que lhe transforma as lágrimas em pérolas. Os seus movimentos íntimos exteriorizam-se e continuam-se em ritmos que os coordenam e desafogam docemente, através modulações de balanço hipnotizante, e de curvas atenuadoras. É como se este poeta se desdobrasse em duas personalidades, das quais uma embalasse e amaciasse os cuidados da outra na melodia encantada dos versos admiráveis. É como se ele, para si próprio, fosse ao mesmo tempo Saul e Davi.

Se sofre, não nos deixa ver crispações violentas, não nos deixa ouvir gritos estrangulados, nem gemidos arquejantes. Assistiremos antes a cortejos de imagens melancólicas de onde apenas se erguem suspiros musicais, acompanhados de altitudes e gestos majestosamente ou graciosamente escandidos. Não fará da lamentação individual, da desvendada confissão das lástimas e das fraquezas próprias o fim ou o interesse capital da sua arte.

Dir-se-ia que erigiu em preceito o verso célebre de Alfred de Vigny — pelo menos em toda a extensão significativa das duas primeiras palavras:

Gémir, pleurer, prier est également lâche.

Na arte, como na vida, onde agora vamos encará-lo, domina-o sempre o pudor da sua exibição total, a par de um mal dissimulado e lógico desdém pelos inquietos e pelos plangentes. Quer isto dizer que este poeta seja de todo surdo e impenetrável à dor, e que nele

não vibre a corda da piedade? — A dor e o sofrimento humano são para ele, como poeta, apenas temas de Arte; e, em geral, nessa qualidade, têm valor igual ao de outros temas da mesma intensidade artística. "Em geral" — escrevi eu. Não sempre. E não é indiferente fazê-lo notar; pois a observação importa o reconhecimento de algum outro e novo aspecto. Pelo menos de uma modalidade nova, revelada no livro da fase mais recente. Digamos (desde já que essa modalidade não lhe contrariou as linhas fundamentais da sua estética, não obstante enriquecer-lhe e ampliar-lhe a significação moral da obra total. Digamos mais que esse livro não veio acusar uma transformação ou desvio importante da sua compreensão da vida, não obstante trazer-lhe à sua arte uma nota mais enternecida.

Vejamos então: qual é a sua noção compreensiva da Vida? É nesta altura que melhor cabe a pergunta. E a resposta a dar, por estranha que a princípio possa parecer é esta: a sua noção de Vida resume-se no *pessimismo*.

Resposta tão vaga, no entanto, que também agora careço de apertar-lhe o sentido!

O seu pessimismo não é o do estoico, cujo recolhimento em si próprio representa, a um tempo e conjugadamente, a reprovação das fraquezas humanas e o orgulho amargo do seu isolado valor moral.

O seu pessimismo não é o do místico — que desejaria, consumindo-se, consumir na mesma chama de fé toda a maldade do mundo, volatilizar a vida para que a sorvesse um hausto do céu. E, não sendo nenhum destes, não é também o dos que têm a explicação da visão verde-triste e da acidez da alma no vago e insondável inferno das suas sinestésias anormais. O seu pessimismo é cerebral e não visceral. Distingue-se dos dois primeiros pela natureza do seu objeto, e do terceiro pela origem orgânica.

O seu pessimismo é o pessimismo dum esteta. É, portanto, um novo reflexo da mesma natureza e forma de espírito que em tudo e

sempre se lhe reflete. Eugênio de Castro é pessimista, porque não acha o mundo, o mundo do homem de hoje harmoniosamente belo; porque o ferem, mais do que a outros, os aspectos desgraçados, os lados triviais e mesquinhos, os detalhes vulgares da existência atual, dentro desta civilização que bestializa as almas na luta crua dos interesses materiais, que esfaqueia e prostitui a natureza e as paisagens numa fúria bruta de industrialização. Porque é este o seu modo de ver, e não outro, é que ele é um esteta, no sentido em que tomo a palavra. E porque é essa a causa fundamental do seu pessimismo é que se explica, pelo lado da noção da vida, como se explicou pelo lado da forma do espírito, a sua atração para mundos longínquos, sobretudo distantes no tempo. É lá que se refugia, como um auto-exilado, sem rancor nem protesto, para erguer ou contemplar as belas criações em que lhe aparece uma outra Humanidade (no fundo a mesma), transfigurada pela ilusão da perspectiva, purificada pela graça da Arte. Como se vê, o seu pessimismo não lhe torna o espírito infecundo e sáfaro. E não seria difícil filiar o tédio de Sagramor exatamente na intemperança do Desejo. Se, em grande parte, a sua desilusão nasce da incompatibilidade atual entre a Arte e a Vida, tais como as concebe, a desilusão não o aniquila. Já vimos que se compensa com o refúgio na Arte. Mas a Arte e a Vida condicionam-se mutuamente, no fundo — a não ser que se trate de arte morta, de cópia de modelos, de exercício literário. Era, pois, natural que ele na Vida — visto que a exige bela — quisesse ver prolongada a Arte.

Como a prolonga para a Vida? Do melhor modo por que hoje, realmente, um espírito do seu feitio a podia prolongar: pelo desenvolvimento pessoal, pela integração, em si próprio, de quanto sejam elementos concordantes no sentido do seu aperfeiçoamento, E, como, hoje, nessa integração havia de entrar o elemento moral, explicam-se: no homem uma resgatadora e crescente beleza da afetividade superior — no artista a amorabilidade do seu poema mais recente. Se para os outros a Arte é uma função da Vida, para ele a Vida é uma função da Arte. E se esta fórmula revela, por um lado, uma concepção *socialmente* imperfeita, por outro lado, revelar

com efeito, em semelhante caso, um princípio de perfeição individual.

Tudo no mundo é instável. As profecias falham. Mas consola-me crer na persistência dessa aspiração.

MANUEL DA SILVA GAIO

Coimbra, 25 de fevereiro de 1902.

Pesquisa e adaptação ortográfica: Iba Mendes (2020).

JUSTIÇA

DRAMA EM DOIS ATOS



PERSONAGENS:

D. Inês
D. Miquelina
Fernando Soares
D. Maria
Luís de Abreu
Pedro da Nóbrega
Administrador do Bairro
Médico
Escrivão da Administração
E figuras que não falam.

A cena passa-se em Lisboa, num Hotel.

ATO I

Uma saleta com porta ao fundo, para um corredor de serventia comum, e outra porta lateral para uma câmara.

CENA I

D. Inês, Luís e Pedro sentados, em final de jantar, em roda de uma mesa, aonde avultam garrafas com diferentes vinhos, frutas, etc. Inês toma do tabuleiro servido por um criado, uma chávena de café, com que retribui a que lhe é oferecida por Pedro da Nóbrega. Entretanto, Luís, preguiçosamente recostado, saboreia um cálice de vinho, e fuma. Afeta os ares duma meia embriaguez, e extasia-se nos rolos de fumo que lança do charuto.

LUÍS

Vejo tudo cor de rosa... A vida tem coisas bem boas, digam lá o que disserem os poetas de cemitério. Poucos são os que sabem tirar proveito desta sublime patarata que os tradutores em vulgar denominam sociedade. Achas que digo bem, Pedro da Nóbrega, meu ilustrado amigo?

PEDRO

Dizes o melhor que se tem dito sobre a matéria. Enquanto a mim, está provado que o mundo não é um vale de lágrimas, pelo menos no todo. Há certos pedaços do mundo aonde não há lágrimas.

LUÍS

Particularmente nos terrenos onde predomina o Malvasia, o Madeira, e o Champagne.

PEDRO

E o Porto. Faz favor de não esquecer o Porto. Eu sou patriota, e tenho minhas convicções a respeito do vinho do Porto.

LUÍS

Se me dás licença, dir-te-ei que és um imbecil. Os homens de paladar mais depravado são os ingleses: ora, o vinho mais querido dos ingleses é o vinho do Porto: logo o vinho do Porto é um vinho depravado.

PEDRO

Distinguo... mas nós esquecemos que está aqui uma senhora, e a conversa de armazém decerto não lisonjeia o gosto de uma dama.

D. INÊS (*triste e ressentida*)

Não importa: conversem no que quiserem.

PEDRO

Nada, minha senhora, o assunto é impróprio.

LUÍS

De acordo; o assunto é impróprio; mas uma senhora de boa sociedade eclipsa-se, logo que a razão dos convivas machos se vai eclipsando. Quando estoura o gás da primeira garrafa, é chegada a hora das expansões; e a mulher, que vive de brisas, e arroubamentos de alma, levanta-se, e recolhe-se ao santuário dos seus devaneios.

D. INÊS (*depõe a chávena*)

Eu retiro-me, Luís... é isso que queres dizer?

LUÍS (*sorrindo e bebendo*)

És uma criatura inteligente, Inês...

D. INÊS (*vexada e oprimida*)

Puderas-mo ter dito... Bem sabes que eu não estou no caso de observar todos os deveres duma senhora de boa sociedade...



CENA II

Luís e Pedro.

LUÍS (*sorrindo*)

Não tem sal nenhum o remoque... (*Pedro dá o braço a D. Inês, e condu-la à porta do quarto: Luís, reparando na urbanidade do conviva, solta um frouxo de riso*). Estes homens, em vivendo na capital um ano, tornam-se cortesãos até ao ridículo... Sinto-me bem. Sinto descoserem-se-me os rofegos do espírito. Estou expansivo como um amante depois de jantar. Até me sinto poeta, Pedro da Nóbrega. A fonte dos poetas bárbaros era de água, e, se bem me lembro, chamava-se Aganipe. A coisa agora é outra. A água passou para a prosa aguada, e o vinho reassumiu toda a importância que lhe deu o velho Horácio.

PEDRO

Sinto quebrar o fio dessa eloquente baboseira, meu caro Luís de Abreu... Atende, tu trataas muito bem as mulheres...

LUÍS

Trato!? essa é boa! Como costumava tu tratar as mulheres?

PEDRO

Aposto que estás cansado de ser feliz!... Há quanto tempo a tiraste de casa?

LUÍS

Dois meses. Nunca sofri tanto tempo as consequências duma loucura...

PEDRO

Se bem me lembro, não é esta a primeira loucura de tal género...

LUÍS

Pois aí é que está a sandice... Eu já devia saber como sou. A primeira mulher que subtrai às vigilâncias paternas era uma trigueirinha, chamada... chamada... acho que era Angelina... Casei-a com um calafate, vinte dias depois. Sou um homem honrado. Fiz da pequena uma esposa modelo, e uma mãe exemplar. A segunda era uma rapariga bem educada e chamava-se... chamava-se... acho que era Angelina...

PEDRO

Pois também era Angelina?!

LUÍS

Pois a primeira também era Angelina?!

PEDRO

Assim o disseste.

LUÍS

Disse?... Então não sei verdadeiramente o nome de nenhuma... Seria ela. Celestina?

PEDRO

Eu sei cá!... perguntas-mo a mim?

LUÍS

Pois dou-te a minha palavra de cavalheiro, que não sei bem se a terceira é que é Angelina.

PEDRO

Já é a terceira! E que é feito da segunda?

LUÍS

A Angelina?

PEDRO

Sim, seja lá quem for.

LUÍS

Essa... acho que casou, e está numa quinta criando patos, e galinhas do Maranhão.

PEDRO

E a terceira?

LUÍS

A terceira é a Angelina?...

PEDRO

E a quarta é Angelina, e a quinta é Angelina...

LUÍS

Alto lá... quinta é demais: a quarta é esta rapariga que se chama Inês.

PEDRO

E quem é esta mulher?

LUÍS

Pois eu não to disse já?

PEDRO

Quando, se nos vimos, pela primeira vez, hoje em Lisboa, desde que, há dois anos, te deixei no Porto?

LUÍS

Eu te digo... chega cá essa vela (*acende o charuto com dificuldade*). Esta Inês é filha duma beata, visita de minhas tias do Porto.

PEDRO

E que mais!

LUÍS

E tu que mais queres?

PEDRO

Como a seduziste?

LUÍS

A pergunta é tola! Pergunta a esta garrafa como é que ela eletriza as almas de guta-percha, e faz dum tupinambá um orador parlamentar, se ele tem a fortuna de ser elegível...

PEDRO

Prometeste casar?

LUÍS

Penso que sim... não minto... sou um homem honrado; mas, se prometi, não faltei ainda. Tenho o infinito como prazo; e, como não invoquei o céu por tabelião nem testemunha, a coisa passou-se entre nos...

PEDRO

Estás aborrecido, é o grande caso.

LUÍS (abrindo a boca

Muito aborrecido... Há dois meses... Dois meses, da maneira como agora se vive, são a vida dum homem. As eternidades dos amantes não podem ir além de três semanas.

PEDRO

E estudas o pretexto para te desfazeres da carga...

LUÍS

Parece-me que sim... Preciso ir à ilha de S. Miguel casar com uma parenta rica e velha, e não me lembra maneira nenhuma decente de tirar passaporte só para mim... Tu és homem de imaginação?

PEDRO

Sou uma desgraça a respeito de imaginação. Querias que eu inventasse a maneira decente de te remires do pesadelo?

LUÍS

Dava-te um beijo... Olha lá! que vinhas tu aqui fazer a este hotel, quando hoje te encontrei no pátio?

PEDRO

Vinha visitar um brasileiro, que me foi ontem apresentado no soirée do visconde de Cascais.

LUÍS

Que hipopótamo é esse personagem?

PEDRO

É um consumado cavalheiro, homem de muita instrução, muito simpático, e extremamente delicado.

LUÍS
Rico?

PEDRO
Fazem-lhe dois milhões de cruzados.

LUÍS
Não é má fatia!... Tem filhas?

PEDRO
Dizem que tem uma natural.

LUÍS
Em algum colégio?

PEDRO
Não sei: ele não fala nela. O visconde de Cascais deu-me a perceber que este homem se retirara de Portugal por causa dum rapto, e supõe que mudou de nome no Brasil.

VOZ DE FORA
A chave do quarto nº 5.

PEDRO
É ele que pede a chave... Lá está parado, à espera, no corredor.

LUÍS
Diz-lhe que entre.

PEDRO (*para Fernando Soares no corredor*)
Sr. Fernando Soares, enquanto não vem a chave, se vossa excelência quer entrar no quarto deste meu amigo...



CENA III

Os mesmos e Fernando Soares.

FERNANDO (*tocando a mão com a de Pedro*)

Pois não, Sr. Nóbrega... como passou?

PEDRO

Otimamente. Tenho a honra de apresentar-lhe o meu amigo e patrício Luís de Abreu.

FERNANDO

É do Porto este cavalheiro?

LUÍS

Sou do Porto... Tem a bondade (*aproxima-lhe cadeira, que Fernando não ocupa*). Serve-se dum cálice de vinho? de genebra? um charuto?

FERNANDO

Muito grato.

LUÍS

É brasileiro, ou português?

FERNANDO

Nasci em Portugal, e estou naturalizado no Brasil. Há vinte anos que deixei esta terra, e volto hoje a reconhecer os monumentos da minha infância...

LUÍS

Pois, senhor, querendo cartas de apresentação para o Porto, com muito gosto...

FERNANDO

Muito reconhecido ao seu favor. Tenho relações comerciais com o Porto, e estas são-me suficiente apresentação.

VOZ DE FORA

A chave do quarto nº 5.

FERNANDO (*faz menção de retirar-se*)

Se me dá licença...

LUÍS (*apertando-lhe a nulo*)

Meu caro senhor...

FERNANDO (*o mesmo a Nóbrega*)

Senhor Pedro da Nóbrega... o meu quarto e o meu préstimo estão às suas ordens. Meus senhores, boa noite. (*Sai*).



CENA IV

Pedro e Luís.

LUÍS

O homem parece fino! Tem um metal de voz insinuante. O que faz o dinheiro!... Ora, meu caro Nóbrega, vou tomar neve ao Suíço... queres vir?!

PEDRO

Vamos; mas vai primeiro ao quarto de D. Inês.

LUÍS

A quê?!

PEDRO

A pobre menina deve estar sofrendo horrivelmente... Diz-lhe duas palavras que te não custam nada, e poupas-lhe muitas lágrimas...

LUÍS (*rindo, e refletindo depois*)

Vá lá... vamos ser piegas... (*Vai, e para no umbral da porta*)

PEDRO (*à parte acendendo o charuto*)
Chama-se isto um homem do grande mundo...

LUÍS (*recuando, e voltando as costas para a câmara de Inês*)
Temos choradeira!... Boas noites... Vamos, Pedro...

D. INÊS (*dentro com aflição.*)
Vem cá, Luís... (*Luís, primeiro indeciso, fica, dando a Pedro sinal de sair*).

(*D. Inês e Luís de Abreu*)

D. INÊS
Vem cá, Luís, por piedade!

LUÍS (*afabilidade irônica*)
Não é preciso invocar a piedade. Aqui estou, Inês, dos melhores humores para ouvir a vigésima quarta lamentação: mas, se não ordenas o contrário, sê breve, que me está esperando no pátio o meu amigo. Vamos ao importante; porque choras, menina?

D. INÊS
Se não sabes porque eu choro, Luís... como to hei de eu dizer?

LUÍS
Aí está um enigma, superior à minha inteligência! Que te falta, Inês?

D. INÊS
Falta-me o teu amor, falta-me o que me deste para eu poder esquecer-me de que sou uma mulher... infame...

LUÍS
Infame!... por quê?!

D. INÊS
Esta degradação...

LUÍS

Onde tocam jerarquias mais elevadas que a tua...

D. INÊS

Que resposta, meu Deus!

LUÍS

Não me lembro outra, e a mais acertada foi esta. Pois cuidas que se degrada a mulher que ama?

D. INÊS

Degrada, sim, quando o homem que ela ama...

LUÍS (*ressentimento contrafeito*)

Sou eu?... Isso morde um pouco o meu orgulho... Quer a menina dizer que os homens como eu não enobrecem, aviltam a mulher que amam...

D. INÊS

Que amam!

LUÍS

Ou que amaram: entenda a frase como quiser.

D. INÊS (*suplicante*)

Que maneira tão cruel de enganar!... O Luís, que te fiz eu? Porque me aborreces assim?

LUÍS

Pois eu posso entender-te? Tens um gênio esquisito e eu não sei amansar caprichos, ou não estou para isso.

D. INÊS

Caprichos!... quais, Luís? Será capricho perguntar-te a causa do fastio em que passas comigo duas horas por dia? Será capricho, oh

meu Deus! chorar porque não posso sofrer, sem magoar-me, sem morrer, o prêmio que me dás, ao cabo de dois meses... de dois meses!... Poucos dias depois que deixei minha mãe, já em ti não havia uma só palavra, um só carinho do homem que me fez esquecer mãe, honra, futuro, e Deus! Que alma tu tens, Luís!... Nem a misericórdia depois do amor! Oh! isto é muito!... eu não quero assim morrer vagorosamente... sozinha, naquele quarto, com a minha vergonha e os remorsos...

LUÍS

Que queres tu, Inês? Habitua-te ao meu gênio, e verás que és feliz, como muitas outras, nas tuas circunstâncias, desejariam sê-lo. Desejas sair? Sairemos, e, quando os meus negócios me privarem de te acompanhar, sairás com o criado. Liberdade recíproca, sem ultrapassar os limites do honesto, é a minha máxima neste gênero de convenção que liga duas pessoas, de modo que as cadeias não sejam pesadas. Se queres os carinhos de outro tempo, dir-te-ei que não sou hipócrita, nem quero que me agradeças meiguices impostoras. O meu gênio é este. Sou uma organização defeituosa, ou perfeita demais; como quiserem. O grande caso é que me não contrario, nem me reformo, porque não sei onde se refundem os homens que saíram defeituosos das mãos da natureza...

D. INÊS

Eras muito verdadeiro quando, há dois meses, me prometias uma eterna felicidade ao teu lado, como amante, e mais tarde como esposa?

LUÍS

Mas, minha amiga, ainda estamos dentro dessa eternidade que te marquei. Por ora, não faltei à minha palavra.

D. INÊS

Que zombaria!

LUÍS

Valha-nos Deus... não nos compreendemos...

D. INÊS

Eu compreendo, Luís... Abandonada, não é assim?

LUÍS

Por minha vontade, não. Amo-te...

D. INÊS

Amas-me?

LUÍS

Como te amei sempre; e oxalá que eu pudesse inspirar-te inteira confiança neste amor, para...

D. INÊS

Diz, diz...

LUÍS

Para que tu voluntariamente anuísse a um plano de que podemos tirar resultados... para...

D. INÊS

Para quê?

LUÍS

Para se realizarem mui depressa os meus desejos e os teus.

D. INÊS

Que é?

LUÍS

Eu preciso reconciliar-me com a minha família, indisposta hoje comigo por tua causa... Sem reconciliar-me não posso alcançar uma posição social que nos dê uma subsistência magnífica e

deslumbrante como eu quero dar-ta, minha Inês. E, para pacificar a guerra que minha família me faz, é necessário convencê-los astuciosamente de que não caso contigo. Ora, para que eles se convençam, convém que tornes à companhia...

D. INÊS (*arrebatada*)

De minha mãe? nunca! antes morrer... cala-te, por quem és... Vai, deixa-me que eu preciso desabafar esta aflição nas lágrimas... És um homem feroz, Luís!...

LUÍS (*tomando o chapéu*)

E tu és uma pomba de mansidão, Inês... Até mais ver... (*Sai*)



CENA V

D. Inês (e depois D. Maria)

D. INÊS (*seguindo Luís*)

Escuta... escuta, Luís! (*Segue-o até à porta, e volta soluçando*). Como vós me castigais, meu Deus! Eu não acreditava que o inferno é neste mundo... É, é... Isto é que é ser punida!... Desprezada... abandonada!... Havia isto no mundo, e eu não tive quem mo dissesse... Perdida... A paixão e a inocência podem assim fazer desgraçada uma mulher... Desprezada por este homem... é incrível... Oh minha querida mãe, se me perdoasses... (*Ergue silenciosamente as mãos aos céus, e exclama depois com energia súbita*). É uma inspiração, não é, meu Deus? Eu obedeco... (*Aproxima-se da escrivaninha com resolução*). Escrever a uma mãe quando se tem perdido tudo... Há corações que nunca ensurdecem. (*Pega na pena*).

D. MARIA (*com um jornal*)

Dá licença, minha senhora?

D. INÊS (*enxugando as lágrimas*)

Tem a bondade de entrar?

D. MARIA

Seu marido já saiu?

D. INÊS (*perturbada*)

Luís?... saiu.

D. MARIA

Vinha fazer-lhe uma pergunta; mas pode ser que vossa excelência saiba responder-me. É do Porto, não é?

D. INÊS

Sou sim, minha senhora.

D. MARIA

Casualmente vejo neste jornal uma notícia copiada dum jornal do Porto. É um caso bem triste! Eu Leio, e vossa excelência poderá talvez esclarecer-me o que há de escuro na notícia. (*Lê:*) “Haverá dois meses que um sujeito de boa família, mas de depravados costumes, natural do Porto, roubou a uma extremosa mãe a sua filha única, o seu amparo, toda a sua riqueza neste mundo onde o quinhão da amargura lhe tem sido abundante. Praticado o rapto, sem poder encontrar-se o infame nem a sua quarta ou quinta vítima, a infeliz mãe desapareceu. (*Viva comoção em Inês*). Pessoas afeioadas àquela digna senhora, diligenciaram encontrá-la mas inutilmente. Alguém disse que a viu passar aos Carvalhos, estrada de Lisboa; não há provas, porém, bastantes. E suposto que até hoje não tenham aparecido vestígios, é de crer que a desgraçada mãe se tenha suicidado...”

D. INÊS (*cuja comoção tem crescido desapercebida a D. Maria*)

Ah!... Jesus... Jesus... (*Fica em letargo por momentos; convulsiva depois, é transportada por D. Maria a um canapé*).

D. MARIA

O que fiz eu, meu Deus! (*Toca uma campainha*). Eu estou doida com semelhante acontecimento! (*Toca de novo a campainha*). Menina, não ouviu? (*Para o criado que chega*). Vem aqui ajudar-me a sustentar esta senhora... Sra. D. Inês... Que gelo! (*Apalpando-lhe as mãos*)



CENA VI

Os mesmos, um Criado, e Fernando Soares, no corredor.

D. MARIA

Sr. Soares, faz favor de entrar?

FERNANDO

Que é? Está sem sentidos esta senhora? Que aspecto tão aflito!

D. MARIA

É uma desgraça...

FERNANDO

Isto é habitual ou foi algum desgosto?

D. MARIA

Uma surpresa, uma imprudência minha...

FERNANDO (*tenteando-lhe o pulso*)

Penso que vai passar esta situação... Dar-se-ia um reflexo de sangue ao coração? Veja a velocidade das pulsações no seio...

D. MARIA

Parece que salta...

FERNANDO

O pior é uma congestão... espere... as pálpebras estremecem...

D. MARIA

Eu preciso dizer tudo como se passou... Não posso com a responsabilidade da minha imprudência... mas eu não podia prever semelhante coisa...

FERNANDO

Fale, Sra. D. Maria...

D. MARIA

Queira ler a notícia desse jornal que está no chão.

FERNANDO (*lendo e depois de uma abstração profunda*)

É esta a pessoa de quem aqui se faia?

D. MARIA

Sim, senhor.

FERNANDO

O que a roubou é um homem que me foi apresentado há pouco, chamado...

D. MARIA

Luís de Abreu.

D. INÊS (*convulsiva*)

Que é?

D. MARIA

Menina... olhe... não me vê?... Isto não pode assim demorar-se... um médico... já... (*O criado sai*). Que hei de eu fazer, senhor!?

FERNANDO

Que hei de eu aconselhar-lhe? É uma enfermidade que não obedece à farmácia improvisada das consolações... Seria uma felicidade se

chorasse: não conheço outro desafogo para estas angústias...
(*Reparando para o jornal*). Como se chama essa senhora?

D. MARIA
Inês.

FERNANDO (*em sobressalto reprimido*)
Como? Inês!?

D. MARIA
É o nome que ela deu... Conhece-a?!

FERNANDO (*com atribulada reconcentração*)
Um favor importante, minha senhora. Queira deixar-me só com ela... É necessária muita energia de homem para romper a escuridade que neste momento cerra o coração desta pobre senhora. Eu sinto-me com vontade e força para fazer-lhe compreender que me interesso por ela... Vossa excelência fia de mim esta senhora por alguns minutos?...

D. MARIA
Eu... senhor... receio que esse homem entre...

FERNANDO
Não receie. Tomo sobre mim toda a responsabilidade do melindre... Conceitue-me como um homem de muita honra, Sra. D. Maria... (*Inês ergue-se*). Tem a condescendência de sair? (*D. Maria sai. Fernando fecha a porta com a chave*)



CENA VII

Fernando e D. Inês.

FERNANDO (*à parte*)
Horrível experiência! (*Para Inês*). Queira sentar-se, minha senhora.

D. INÊS

Quem é o senhor?

FERNANDO

Um homem que, desde este momento, não pode ser-lhe indiferente. Eu também vi a notícia deste jornal, e vossa excelência ouviu ler, sem reparar que se não dá nem ao menos como provável o suicídio de sua mãe.

D. INÊS (*reanimada*)

Não?

FERNANDO

Decerto não: diz-se apenas que sua mãe desapareceu. Pode ter desaparecido, procurando-a; pode a estas horas estar bem perto da filha que lhe foge; pode ter procurado esconder na obscuridade a sua vergonha. Tenho que fazer-lhe um serviço. Vou eu mesmo indagar o destino de sua mãe; empregarei para encontrá-la quantos esforços empregaria um filho. Em menos de oito dias, vossa excelência pode ter a certeza de que sua mãe vive...

D. INÊS (*com efusão*)

Bem haja, bem haja, meu benfeitor; mas depressa, antes que eu morra...

FERNANDO

Preciso, porém esclarecimentos. Já sei que é do Porto: onde é que morava no Porto?

D. INÊS

Na rua do Rosário.

FERNANDO (*agitado*)

Desde quando?

D. INÊS

Desde que nasci.

FERNANDO (*sufocado*)

Como se chama sua mãe?

D. INÊS

Miquelina de Campos.

FERNANDO (*deixando cair o jornal, e enxugando o suor na fronte*)
Miquelina... (*Silêncio*).

D. INÊS

Basta saber isto?

FERNANDO

Basta, basta saber isto... Quantos anos tem?

D. INÊS

Vinte e dois.

FERNANDO

Vinte e dois... (*À parte*) E se a demência me surpreende!... Isto é morrer!... (*Ergue-se a beber água dum copo de sobre a mesa de jantar*).

D. INÊS

É possível saber-se, senhor?

FERNANDO (*à parte*)

A última punhalada... (*Alto*) Quem foi seu pai... este jornal não fala dele...

D. INÊS

Não conheci meu pai!

FERNANDO

Morreu?

D. INÊS

É um segredo de minha mãe... ainda que eu o soubesse não o descobriria.

FERNANDO (*com ira reprimida*)

Para não desonrá-la? E a sua desonra não lhe importa que seja pública?

D. INÊS (*suspensa*)

Que diz, senhor?!

FERNANDO (*mudando de tom*)

Nada... E este homem prometeu-lhe ser seu marido?

D. INÊS

Não respondo a semelhantes perguntas feitas por um estranho... não sou obrigada.

FERNANDO

É.

D. INÊS

Como?

FERNANDO

Desculpe-me, minha senhora... A compaixão que me está inspirando faz-me sair dos limites de um mero estranho que lhe quer ser útil... Desculpe-me até por estes cabelos brancos... vossa excelência ama este homem?

D. INÊS

Amo!... pois não tenho eu dado uma prova bem segura de que o amo?!

FERNANDO

É amada?

D. INÊS

Que perguntas, meu Deus... Martiriza-me, senhor... Eu não quero as suas consolações.

FERNANDO (*colérico*)

É amada por ele?

D. INÊS

O senhor aterra-me!...

FERNANDO

Ainda não sentiu bem dentro o horror da sua situação. Inês é uma mulher perdida!

D. INÊS

Senhor!...

FERNANDO

Está a cair desamparada na extrema miséria...

D. INÊS

Oh! cale-se, por quem é!

FERNANDO

Matou sua mãe, e vai cada dia salpicar-lhe de lama a sepultura. Essa máscara de falsa vergonha que ainda hoje sustenta há de cair-lhe amanhã, e depois, Inês, hão de apontá-la ao dedo... é a devassa... a matricida, que vai passando...

D. INÊS

É horrível, meu Deus, é horrível!... O senhor... pelas chagas de Cristo!... (*Ajoelha*). Batem com estrondo na porta.

LUÍS (*fora*)

Abre, Inês!

D. INÊS (*erguendo-se*)

É ele...

FERNANDO (*retendo-a*)

Ele... quem? (*Sorrindo*).

D. INÊS

Deixe-me, que é Luís... (*A porta é arrombada por um em puxão*)



CENA VIII

Os mesmos e Luís de Abreu.

LUÍS (*serenamente, fumando*)

Quadro interessantíssimo!... Não se assustem por quem são... Eu vi Desdêmona ajoelhada aos pés do mouro; mas troco por um cálice de vinho a situação de Otelo.

(*Bebe*).

D. INÊS

Luís... que julgas tu?... Diz-mo por misericórdia...

LUÍS

Eu não julgo nada que não seja deste patusco planeta, chamado terra. Esteja a *son aise* Sr... Sr... Sr... já me esqueceu a sua graça... Sr. brasileiro. Eu sou o homem mais cordato, a alma mais ingênua que

vive na crusta do globo. Não há maroteira que me espante... Nada de susto.

FERNANDO (*sorrindo*)

Eu não estou assustado, senhor.

LUÍS

Ainda bem... Recolha-se ao seu quarto, menina, ou antes ao seu camarim; nobre senhora Maria de Rohan de contrabando... Então? Hesita? Eu já não mando aqui?

D. INÊS

Oh Luís... é bárbaro matar assim uma mulher que te pede de joelhos que a escutes... Estou inocente.

LUÍS

Eu abomino a caricatura... Recolha-se que eu tenho de falar com este cavalheiro...

D. INÊS

Não, não me erguerei dos teus pés, sem que...

FERNANDO (*imperioso*)

Levante-se, mulher! (*Ela ergue-se e retira-se*)

LUÍS

Isso é que é intimativa, cavalheiro... E o caso é que ela obedeceu!... O negócio está mais adiantado do que eu supunha... Ora... sente-se aqui, meu caro patrício. O senhor, pelo que vejo, crê que a propriedade é um roubo... Comunismo! viva o comunismo! eu também sou da escola ilustrada... Parece-me que vossa senhoria está tranquilo...

FERNANDO

O mais que se pode estar... não obstante recomendo à sua bondade a economia possível de palavras.

LUÍS

Eu também gosto do laconismo. O senhor deve saber que esta mulher não é minha mulher, nem é crivei que venha a sê-lo. Se ã fosse, ou tivesse de o ser, vossa senhoria a estas horas tinha passado à eternidade, com a sua reputação de milionário, e três balas na cabeça.

FERNANDO (*rindo*)

O senhor é interessantemente cômico... Três balas!...

LUÍS

Ri-se? Pois valeu!... levemos isto a rir. A grande questão é: gosta da rapariga?

FERNANDO

Quer trespassar-ma?

LUÍS

De mão beijada e dízima a Deus. Está incomodado?

(*Fernando ergue-se convulsivamente*).

FERNANDO

São nervos... e uma moléstia que me ataca na Europa... Eu aceito o trespassa.

LUÍS

Fala seriamente?

FERNANDO

Muito seriamente... Por quanto vende o senhor a mulher?

LUÍS

Por quanto vendo? Eu não vendo...

FERNANDO

Então eu não aceito.

LUÍS

Ah! já entendo... O senhor não quer perder os hábitos do Brasil...

FERNANDO

Tenho escrúpulos em tal contrato se ele não for bilateral. Vossa senhoria há de aceitar-me uma indenização qualquer...

LUÍS

O senhor é um grande esquisito.

FERNANDO

Eu saberei indenizá-lo do modo mais delicado; mas vossa senhoria não há de recusar uma gratificação pela cedência que me faz. O segredo morre entre nós três; e a minha consciência, que realmente é célebre, fica tranquila. Quer?

LUÍS

Entrego-me à discrição.

FERNANDO

Que tenciona o senhor fazer para deixar-me livre o terreno?

LUÍS

Amanhã deixo Lisboa.

FERNANDO

E ela fica neste hotel?...

LUÍS

Bem claro... deixo-lhe carta de alforria...

FERNANDO (*sorrindo*)

De alforria, justamente... é essa a palavra jurídica... e depois...

LUÍS

Como vossa senhoria se entende perfeitamente com ela, cá fica...

(*Tropel, e vozes*)

CENA IX

Os mesmos, D. Miquelina, D. Maria (e depois D. Inês).

D. MARIA

Menina, menina, aqui está sua mãe!

D. MIQUELINA (*espavorida, erguendo o véu preto*)

Minha filha, minha filha! (*Terrível comoção em Fernando, que volta a face da luz*) Onde está ela? (*Vendo Luís*) Senhor Abreu, onde está minha filha?

D. INÊS (*delirante*)

Aqui, aqui estou, minha mãe (*abraçam-se*).

FERNANDO (*à parte a Luís*)

É melhor sairmos.

LUÍS

Diz bem.

FERNANDO

Para o meu quarto.

(*Saem*).

CENA X

D. Inê, D. Miquelina e D. Maria.

D. MIQUELINA

Eu não venho amaldiçoar-te, filha...

D. INÊS

Não venha, não venha, minha mãe... A maldição... a sua maldição sobre tal desgraçada não agradaria a Deus... Poupe-me a essa tortura... que eu conheço todas as outras... Tenho o coração despedaçado... Abençoe-me, já que ressuscitou para mim... abençoe-me, que eu estou nas agonias da morte...

D. MIQUELINA

Não estás, meu anjo... quero que vivas... Deus não quer a tua morte e a minha... tua mãe precisa de ti... Havemos de acostumar-nos à vergonha, se não há nada que salve dela... Viveremos, viveremos sem escandalizar ninguém com a nossa presença...

(D. Maria retira-se).

D. INÊS

Mãe, não posso...

D. MIQUELINA

Inês... eu não te tirei nada do amor que te tinha... Ninguém sabe ser desgraçada, e ser mãe como eu sou... Inês, vive para meu amparo...

D. INÊS

Ai! é impossível!... Eu, quando fugi dos seus braços, já sabia que não podia tornar a eles senão cadáver. Abrace o cadáver de sua filha, minha mãe...

D. MIQUELINA

Não posso nada sobre o teu coração infeliz?

D. INÊS

Pode muito... Por que não veio uma hora antes?... Se morrer assim, morro perdoando... Pode morrer-se santa com o crime escrito na face... O mundo não sabe o que se tem passado na minha alma... Eu tenho chorado por mim e por todas as infelizes nas minhas circunstâncias... Não há ultraje que eu não tenha conhecido... Fez ontem dois meses que a deixei, mãe, minha santa mãe... Que dois meses!... Sentir ao pé de mim arrefecer minuto a minuto o coração do homem que amei, que amo, sem poder ver-lhe os defeitos... Ele a ferir-me com toda a sorte de desprezos, e eu... a cicatrizar com lágrimas, choradas no coração, na alma, no amor próprio... Invocar a compaixão surda do céu, e as esperanças a morrerem!

D. MIQUELINA

Chora, chora, minha filha.

D. INÊS

Um dia era terrível, mas o dia seguinte era pior... Ontem longas horas de silêncio, hoje uma ironia, amanhã, um escárnio... Um encadeamento de crueldades novas para mim... Eu não pensei que se tinha alma para tanto... Se choro, consolam-me com uma zombaria; se mostro um sorriso de paciência, chamam-me alma de lama... Aqui tem a minha vida com este homem... há dois meses...

D. MIQUELINA

Alma, minha querida mártir... abandona-te a mim... Eu já chorei assim, contigo nos braços, criancinha dum ano... Mataram-me há vinte anos, e um milagre conservou-me de pé, ao teu lado, porque eu não podia fechar sobre mim uma sepultura, e deixar-te sozinha na terra... Paga-me esta dívida... não me deixes no fim da vida, porque eu te amparei no princípio da tua... vence a paixão e a vergonha com tua mãe no coração.

D. INÊS

Não posso, não posso... é um segredo... há de ouvir-mo logo... e depois um confessor...

D. MIQUELINA

Oh minha filha... tu aterra-me com o maior dos crimes... Envenenaste-te? responde!...



CENA XI

As mesmas e Fernando Soares, embuçado.

FERNANDO (*parando ao pé do grupo*)

Eis aqui uma mãe digna de tal filha.

D. MIQUELINA (*aterrada*)

Que voz é esta?

FERNANDO

Quer muito a essa filha?

D. MIQUELINA

Se lhe quero!...

FERNANDO

Perdoou-lhe?

D. MIQUELINA

Virgem santíssima!... isto é um delírio!...

FERNANDO

Perdoou-lhe?

D. MIQUELINA

Perdoei...

FERNANDO

Não sente na presença dela a vergonha escaldar-lhe o rosto?

D. INÊS

Que homem é este, minha mãe?!

FERNANDO

Está justificada a desonra da filha... vê-se que a desgraçada teve toda a liberdade para ser o que é...

D. MIQUELINA

Que posso eu fazer?

FERNANDO

Se não tem um braço capaz de cravar um punhal no alçofane de sua filha, entregue-o ao carrasco...

D. MIQUELINA

Mas ela ama-o!

D. INÊS

Sim... sim...

D. MIQUELINA

E eu queria que ele fosse seu marido...

FERNANDO (*rindo*)

Seu marido! não quero!...

D. MIQUELINA

Agora, sim, compreendi tudo... (*Com o rosto escondido entre as mãos*)

D. INÊS

Que é, minha mãe?... diga, diga...

D. MIQUELINA (*apontando, sem encará-lo*)

Este homem... este homem é...

FERNANDO (*interpondo-se com a face somente visível a D. Miquelina*)

Quem pode ser este homem, senhora?

(*Miquelina solta um grito, e Fernando, pondo o dedo nos lábios, obriga-a a calar-se*).

D. MIQUELINA

Justiça de Deus!... (*Vai cair perturbada sobre uma cadeira. D. Inês quer socorrer a mãe. Fernando coloca-se entre ambas, e aponta-lhe imperiosamente o quarto. Inês vai como arrastada por uma força invencível*)

ATO II

O mesmo cenário do primeiro ato, exceto o aparato do jantar. É noite: a cena está apenas alumiada por uma veia.

CENA I

D. Maria e o Médico.

D. MARIA (*apontando o quarto de Inês*)

É este o quarto, Sr. doutor.

MÉDICO

A que horas supõe a senhora que ela se envenenou?

D. MARIA

Hoje às nove horas, pouco mais ou menos. Tem tido agonias, suores frios, mas não quer deitar-se; conserva-se a pé, e parece que tem intervalos de descanso.

(*Vê-se no corredor Fernando Soares*).

MÉDICO (*observando o relógio*)

É meia noite... Aparece algum vidro ou boceta suspeita de veneno?

D. MARIA (*tomando-a sobre a mesa*)

Esta bocetinha, com um resto de pó...

MÉDICO (*examinando*)

Tornou arsênico, mas a dose foi pequena... Vamos.

(*Entra com D. Maria*).



CENA II

Fernando Soares.

(*Escuta à porta da câmara de Inês e vai sentar-se no mais sombrio da sala*)

FERNANDO

É esta a minha coroa de glória depois de vinte anos de luta!... Não cuidei que tinha alma para estes espinhos... Decepção tristíssima para um homem que vem à pátria, envelhecido no trabalho, tragando além todas as afrontas, abafando até os brados da consciência... matando todos os sentimentos bons do coração, para salvar um só... a esperança de uma filha... uma amiga no fim da vida... um prêmio a tribulações de vinte anos... Encontro a ignomínia, e a ignomínia que se não reabilita com dois milhões. A impotência do dinheiro!... Travei um duelo com os reveses... cuidei que o ouro era uma arma invencível... quebrou-me nas mãos a desgraça... Que terrível combate de pensamentos nesta cabeça!... Não se endoudece de aflição e vergonha!... Ainda não tive uma verdadeira resolução de matar este homem... E que homem!... como ele dorme tranquilamente sobre o meu leito!... Há espantosas organizações! (*Sorri.*) Que importa? Nada o salvará... Alguma vez hei de triunfar desta zombaria infernal que me escarnece.

CENA III

D. Miquelina (vindo de fora, com um Criado do hotel, e depois Maria)

D. MIQUELINA (*para o criado*)

Muito agradecida...

(O criado sai).

D. MARIA (*saindo do quarto de Inês*)

Já de volta, minha senhora? Que se passou?

D. MIQUELINA

Com a carta do Sr. Fernando Soares fui logo recebida pelo governador civil. Tratou-me muito bem... Deu ordens imediatamente. Eu queria agradecer ao cavalheiro, seu hóspede, este serviço.

D. MARIA

Ele aparecerá. O médico está lá dentro... vou mandar já, já à botica... entre, entre... *(Sai)*

CENA IV

D. Miquelina e Fernando Soares.

(D. Miquelina encosta-se a um tremó, coma reanimando-se antes de entrar)

D. MIQUELINA (*sem ver Fernando*)

Tornarei eu a vê-lo, meu Deus?! Seria ele!...

FERNANDO (*meia voz*)

Senhora D. Miquelina.

D. MIQUELINA (*espavorida*)

Quê!...

FERNANDO

É deste lado que a chamam... A hora é a dos fantasmas; mas tudo aqui é natural como a desgraça, e sensível como a dor das chagas que fecham.

D. MIQUELINA (*indo na direção da voz*)

Carlos!...

FERNANDO (*erguendo-se*)

Carlos, não. Esse homem está morto no coração deste outro que aqui vê... (*Ela ajoelha.*) Que é isso? Nem na mulher que se amou pode tolerar-se uma posição humilhada... De pé, com a fronte bem altiva, e o coração bem soberbo daquele nobre orgulho de pai.

D. MIQUELINA (*sem erguer-se*)

Eu tenho direito à tua comiseração, Carlos... Eu não me engano... é impossível que não sejas... Tu não vens matar-me, não?...

FERNANDO (*levantando-a*)

Matá-la! Quem lhe disse, senhora, que eu venho, sequer, infligir-lhe um castigo que as suas lágrimas pretendem suavizar? Eu não a acuso... nem isso!... Peço-lhe só conta da minha filha... É aquela mulher desonrada que ali está dentro?

D. MIQUELINA

Não poderei eu morrer neste momento, meu Deus?!

FERNANDO

Não pode, porque todos temos um destino a cumprir... A Providência não derroga as suas leis. Falta-lhe alguma causa neste mundo, senhora... Pois eu porque vivo ainda? Toquei a margem de

todos os abismos, e fiquei em pé. Não era bem natural que eu tivesse caído? O meu abismo era aqui... Um homem foi, o outro é hoje... O homem das alegrias, das esperanças passou; e o simulacro de homem, com cada fibra apertada numa tortura, ficou... É certo que o mau anjo venceu o bom; sinto o desconforto do céu; mas para alguma coisa o demônio me conserva. Só assim se explica a minha existência aos quarenta anos... Não se vencem, sem predestinação, as angústias que eu pisei debaixo do pé triunfante. Trabalhei vinte e dois anos para chegar a isto... (*Com ironia*). Abençoado trabalho... Ora pois... é esta Inês uma criancinha que eu lhe deixei nos braços há vinte anos? Diga, diga, que eu estou sentindo em mim o homem do passado...

D. MIQUELINA (*soluçando*)
É.

FERNANDO
Nunca lhe falou em seu pai?

D. MIQUELINA
Não... julgava-te morto...

FERNANDO
Julgou bem... Pudera ter-lhe dito: "Teu pai, filha, foi uma boa alma que eu amei muito. Eu era filha dum fidalgo, muito fidalgo, muito pobre, e muito desonrado para manter o emprestado luxo da sua posição. Ele era um simples escriturário dum cartório; mas sem uma nódoa que refletisse desonra na memória de seus avôs plebeus. Disse-lhe que me tirasse de casa, quando a tua existência, filha, vinha dar testemunho dum grande crime... Eu saí sem uma joia que valesse dez réis. O amanuense trabalhava dia e noite para alimentar-me. Adorava-me, obedeceu-me. Meu pai descobriu o raptor, que pôde salvar-se. A ele perseguiu-o em toda a parte, e a mim fechou-me num quarto sem luz nem ar. Teu pai, fugitivo, teve sede, e frio, e fome: mas as esperanças aqueciam-no, e alimentavam-no, O desgraçado parece que tinha orgulho de sofrer por mim. Nunca teve

um instante de arrependimento! Meu pai empregou a branda persuasão para dissuadir-me de tão monstruoso amor. Disse-me que era menos ignominioso ficar solteira e mãe que ser casada com um amanuense de tabelião. Os fidalgos meus parentes rodearam-me, e... convenceram-me. Acreditei-os... julguei-me infamada, vacilei, arrependi-me, e reneguei uma paixão indiscreta. Quiseram que eu te lançasse dos meus braços, filha do plebeu, vergonha de meus avós; mas não pude tanto. Fui eu, se não expulsa, encerrada em uma obscura casa, recebendo alimentos que meu fidalgo pai me arremessava com desprezo... Teu pai era ainda perseguido... Uma noite vi-o ao pé de mim... foi a primeira e última vez que te viu... tinha-te nos meus braços, criancinha de três meses... “Foge comigo — disse-me ele... — ; dirás a bordo do navio que és mulher do marujo Fernando...” “Não fujo... — respondi-lhe eu — meu pai amaldiçoa-me, e eu temo as penas do inferno.” Teu pai saiu... e depois... Fez bem não contar isto a sua filha... Não há mãe que se enobreça com semelhante história. Há fragilidades que honram uma mulher, mas não são estas... O conto assim não é edificante nem pela virtude, nem pelo heroísmo da paixão... D. Miquelina temeu então as penas do inferno... hipocrisia... penas do inferno são estas, não lhe parece?

D. MIQUELINA

São... são... Ó Carlos, por que me não perdoas?

FERNANDO

Pois eu condeno-a?!

D. MIQUELINA

Ajuda-me a salvar a nossa filha!...

FERNANDO

Como é que se salvam estas mulheres?... Não devo ouvi-la mais, senhora... ouço passos... Absoluto silêncio a meu respeito... Entre no quarto de sua filha... Vá vê-la morrer...

(D. Miquelina entra no quarto de Inês).



CENA V

Fernando (e depois um Criado)

FERNANDO

Como esta mulher foi bela!... Passaram só vinte anos... O que terá ido naquele coração para que a face envelhecesse assim!... Vinte anos!... Chora-se, quando se vê assim a mulher que se viu vaidosa da sua formosura, cercada de tudo que adoça a existência, e não deixa assaltá-la o pensamento da velhice desgraçada... Esta é que é uma Miquelina que eu amei!... A vida!... A vida!...

CRIADO

O Sr. Luís de Abreu disse-me agora que fizesse sair as malas dele, sem que se desse fé; minha ama não quer que eu faça nada sem dar parte a vossa senhoria e como o vi entrar para aqui...

FERNANDO

Vai dizer ao Sr. Luís de Abreu que entre nesta sala que eu estou aqui. (*O criado Sai*) Aproxima-se um terrível momento!... Que deliciosa existência esta!... Quem invejará os milhões deste homem!...



CENA VI

Fernando e D. Maria.

D. MARIA

Pois estava aqui? Sabe as ordens do malvado?

FERNANDO

Sei.

D. MARIA

D. Miquelina falou com o governador civil...

FERNANDO

Sei tudo.

D. MARIA

Entrou no quarto da menina?... Sabe como ela está?

FERNANDO

Não sei...

(D. Maria entra, levando um vidro de remédio, ao quarto de Inês).



CENA VII

Fernando Soares e Luís de Abreu.

FERNANDO *(anda só)*

Quem poderá compreender estas agonias? Muito forte é o homem, até desamparado da providência!...

LUÍS *(fumando e espreguiçando-se)*

Estas trevas são românticas... Parece que descí à região das sombras... Sabe o senhor que acordei com um péssimo sabor na boca! Sinto uma desagradável preocupação no estômago...

FERNANDO *(sorrindo)*

É admirável a fortaleza do seu espírito! Converte as tragédias em farsas admiravelmente!

LUÍS

Pois a vida sem isto pode lá sofrer-se!... Que me diz o senhor de novo? A mãe de Inês adormeceu, ou tem feito bravuras?

Naturalmente está lá dentro com a dona da casa... Sabe que mais? Palpita-me que não vai por diante a nossa convenção...

FERNANDO

Por quê?

LUÍS

A pequena cá pelos meus cálculos, vai para o Porto com a mãe, e o meu amigo segue-a, e espregueia ocasião propícia para a tomar de assalto... E acho que faz bem...

FERNANDO (*risonho*)

Linguagem técnica com que vossa senhoria trata estas matérias! Afigura-se-me um homem prodigioso o Sr. Abreu! A minha vontade era estudar-lhe o interior da cabeça.

LUÍS

Achava uma cabeça perfeitamente organizada, segundo correm os tempos.

FERNANDO

E o coração?

LUÍS

O coração é um músculo oco, dizem os anatómicos.

FERNANDO (*solene*)

Oco não... o seu está cheio... é o repositório de todas as fezes, a máquina onde se trabalham primores de arte de perversidade, de infâmia, de... (*Mudança de tom*). Desculpe o vocábulo que é forte, meu respeitável senhor... (*Toca-lhe no ombro*)

LUÍS (*rindo*)

Palavra de honra... pensei que o Sr. ia formalizar-se!... Teria muita graça a. Sua austeridade, à última hora!...

FERNANDO

À última hora... diz muito bem... Queira dizer-me, Sr. Abreu: esta aventura decerto não é a primeira que desfruta?... Antes desta rapariga, algumas outras devem ter deixado um rasto de lágrimas para a última que se segue...

LUÍS

Vossa senhoria está sentimental!

FERNANDO

Não, senhor: é que falo sempre assim em linguagem de romance.

LUÍS

A Paulo de Kock?... Isso é da tragédia em cinco atos... linguagem de centro...

FERNANDO

Ora responda sério, cavalheiro: têm sido muitas as conquistas?

LUÍS (*com fatuidade*)

Algumas... Tenho matizado a vida o melhor que pude; mas hoje sinto-me um pouco abatido, e voto de preferência por as delícias do estômago... Fiz o que poucos fazem.

FERNANDO

E não tem encontrado nunca um florete, uma bala, um punhal...

LUÍS

Nem receio disso. A sociedade está suficientemente corrompida para me não chamar a contas de moralidade. A virtude é contrabando entre nós. Se nos agarram com ela, perde o tempo, e os lucros. A corrupção mata a energia dos brios, e recebe todas as imoralidades como fatos consumados. Quem puder, goze... “Os mortos vão depressa”, diz a balada; mas os vivos não vão muito devagar. Eu penso assim, e tenho cá as minhas razões... *Je suis*

l'enfant de mon siècle... Os franceses é que sabem viver... Aqui é necessário educar esta sociedade...

FERNANDO

Sim!? não cuidei que vivíamos no gozo de uma liberdade tão plena de ensinar... Por isso vossa senhoria estranhou, sorrindo, a minha austeridade à última hora... Quem cá vier ensinar a doutrina da honra, deve de ser bem ridículo!... Mas... quem sabe se o Sr. Abreu vive enganado com a sociedade!... Pode ser que vossa senhoria tenha tido a ventura de encontrar as exceções... É impossível que a regra seja o que o senhor julga... Eu sou um frágil membro desta sociedade, tenho sentido o contato de todas as pústulas, e não me sinto tão gangrenado! Posso até afiançar-lhe que, na posição desgraçada do pai dessa mulher que aí está dentro em agonias... Vossa senhoria estas horas — deixe-me parodiar a sua frase de há pouco — tinha passado à eternidade, com a sua reputação asquerosa, e pelo menos uma bala na cabeça...

LUÍS

Essas excelente teorias variam muito na prática. É o inconveniente de todos os sistemas filosóficos. Um homem não se mata como quem mata um javali: é uma coisa muito séria matar um homem acordado... Mas, deixemo-nos de hipóteses fúnebres, meu estimável cavalheiro. Não estabeleçamos dialética de moral, visto que não há auditório. Eu entendo que o mais lógico na minha situação é retirar-me. Receio algum passageiro incômodo que possa dar-me a justiça, movida pela mãe de Inês.

FERNANDO

Quer retirar-se já?

LUÍS

À cautela... Uma boa retirada vale uma feliz batalha... É cá um dos aforismos da minha estratégia... Cada espécie tem o seu Napoleão.

FERNANDO

Então vamos saldar contas.

LUÍS

Contas?! Eu não lhe devo nada...

FERNANDO

Eu é que sou o devedor, o devedor honrado, meu amável senhor. Pois não ficamos em vossa senhoria aceitar-me uma gratificação pela cedência?

LUÍS

Deixemo-nos de celebreiras, meu amigo... (*Vai retirar-se: Fernando retém-no*)

FERNANDO (*toca uma campainha*)

Queira esperar.

LUÍS (*à parte*)

Que quer dizer isto? Teremos asneira?...



CENA VIII

Os mesmos e D. Maria.

FERNANDO (*a D. Maria*)

A senhora D. Inês que entre nesta sala.

D. MARIA

Está-se esperando o efeito do remédio... Está sofrendo muito... é impossível vir por seu pé.

FERNANDO

Que entre nesta sala, e só.

(D. Maria entra no quarto).

LUÍS

Que quer o senhor fazer? A que vem Inês aqui? O senhor não responde?! Eu retiro-me...

FERNANDO *(voltando de fechar a porta)*

Eu não fecho a porta com medo que o senhor se retire... é que não quero que nos ouçam. Pois vossa senhoria não quer ver os efeitos do veneno na face dessa mulher que aí vem!? É um estudo curioso...

LUÍS

Mas o que quer dizer isto?!

FERNANDO

Quer dizer que o Sr. Luís de Abreu não tem da sociedade em que vive um conhecimento perfeito... Esta sua última imoralidade não foi ainda recebida como fato consumado.



CENA IX

Os mesmos e D. Inês.

(D. Inês, desfigurada, exprimindo sempre grande agonia; Fernando indica-lhe um canapé, e ela senta-se)

D. INÊS

Minha mãe não veio?! por que não está aqui minha mãe!? Ela disse que vinha comigo...

FERNANDO

Não está aqui, porque nem tudo se pode dizer diante de sua mãe...

D. INÊS

Pode... não tenho segredo nem desgraça que ela não conheça... Quero aqui minha mãe.

FERNANDO

Para quê?! Não lhe basta o amparo deste cavalheiro por quem trocou sua mãe?... Onde está o homem que se ama, estão resumidas todas as necessidades de uma mulher extremosa...

D. INÊS

Pois eu vim aqui para me escarnecerem?!... Deixem-me morrer... deem-me um confessor que quero salvar a minha alma... A zombaria comigo é uma crueldade que eu não mereço a ninguém, é muito menos a ti, Luís... *(Estendendo-lhe a mão)* Adeus... Depois de tantas amarguras, de tantos aviltamentos... perdoo-te... *(Ergue-se com transporte para tomar a mão de Luís, que não ousa fixá-la, e Fernando obriga-a a afastar-se com ímpeto colérico, e muda logo para o sorriso).*

FERNANDO

Pois tem a suspeita de que foi muito aviltada, menina? Reanime-se que vai ser feliz: eu vou cicatrizar as feridas rasgadas pelo ar. Luís de Abreu. Este cavalheiro acaba de fazer-me uma cedência amigável.

LUÍS *(colérico)*

Senhor!

D. INÊS

Que ouvi, meu Deus! Uma?

FERNANDO *(tranquilo)*

Eu menti, Sr. Abreu? Essa irritação é incoerente com o seu caráter franco... Nada de biocos de honra sobreposse. O segredo é de três.

LUÍS *(cerrando os punhos em ameaça)*

Isto é uma covarde traição!

FERNANDO (*severamente*)

Não é traição: é que sou muito acautelado nos meus contratos. Para provar-lhe que não falto à menor condição estipulada, e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos, vou dar-lhe a gratificação prometida.

(*Abreu recua alguns passos. Fernando atira-lhe à face uma bolsa.*)

D. INÊS (*erguendo-se em fuga*)

Minha mãe, minha mãe!...

(*Luís de Abreu tira um punhal e acomete-o; Soares uma pistola, sem recuar; Abreu para, e contemplam-se silenciosamente*)



CENA X

Os mesmos, D. Miquelina, D. Maria e o Médico.

D. MIQUELINA (*saindo do quarto*)

Filha, filha, que é?

D. INÊS (*com a face escondida no seio da mãe*)

Morro!... ouvi, uma coisa horrível!... Desfaz-se-me o coração... Agora sim... mataram-me!...

FERNANDO (*para Abreu*)

Até que enfim encontrou um estorvo... A perversidade não lhe inspira nada? Tudo isto lhe parece um sonho desagradável... e nada mais? Acorde, e possua-se bem da majestade desta cena. Um conquistador da sua força deve ter espetáculos destes para contar. Feitos tais são os que fazem a reputação dum elegante... Dar-se-á o caso que o senhor esteja gozando voluptuosamente aquele quadro?! (*Aponta o grupo de mãe e filha*). Olhe... e uma mãe penitente abraçando uma filha desonrada... Aquilo é triste... Chora o coração...

São pobres. Aquela filha tem de mercadejar a subsistência de sua mãe... A caridade pública promete recebê-las a ambas num hospital. Quer vossa senhoria por grande misericórdia lançar uma moeda de cobre no regaço daquela mulher? Barato lhe fica tamanho triunfo! (*Obrigando-o a encará-las*). Por que não há de vê-las, senhor? São a sua obra... Reveja-se bem naqueles troféus... Vá agora cuspir na face de ambas... (*Com terrível reconcentração*). Aqui tem o senhor um braço cuja energia a corrupção não enfraqueceu... Posso até asseverar-lhe que o catálogo das sua vítimas acaba ali.

LUÍS

Compreendo que o senhor é um assassino, e assassino por gosto... Ameaça-me com a morte, sem algum título nobre que possa desculpar esse procedimento.

FERNANDO (*quase ao ouvido*)

Tenho a franqueza de querer justificar-me aos seus olhos, infame... O senhor sabe o que é ser assassino mas não sabe o que é... o que é... ser pai...

LUÍS (*assombrado*)

Seu pai!...

D. INÊS

Que disse ele!

D. MIQUELINA

Sim, sim, teu pai! de joelhos... de joelhos, minha filha!...

D. INÊS (*como arrastada*)

Não é possível... estou passando pelo delírio de uma febre... é o veneno...

D. MIQUELINA

Não, Inês... é teu pai... ajoelha comigo...

FERNANDO (*severamente*)

Afastem-se...

D. INÊS

Que eu não morra sem o seu perdão... Estou envenenada... pouco posso viver... Não me amaldiçoe!

D. MIQUELINA

Carlos! tua filha que se ajoelha... escuta-nos... Ela morre sem ter ouvido de seu pai uma palavra de amor.

FERNANDO (*muito com pungido*)

E eu sem ter merecido ao gênero humano uma lágrima de compaixão...

D. MIQUELINA

Salva-nos a ambas... salva-nos, Carlos.

D. INÊS (*muito angustiada*)

Que nos deixe ao menos morrer abraçadas, abençoando o seu nome.

MÉDICO

Fui chamado para curar esta senhora de um envenenamento, e como médico declaro que esta situação não pode demorar-se. Ou vê-la morrer aqui, ou tentar o último esforço para salvá-la.

FERNANDO (*erguendo com ternura sua filha*)

Vai... filha, vai... Se morres, ou vives, não poderei salvar a tua reputação... mas vingar-te-ei, vingar-nos-emos... Doutor... salve-ma...

(*D. Inês é transportada ao quarto, nos braços do médico e da mãe. D. Maria sai pela porta do fundo*)

CENA XI

Fernando Soares e Luís de Abreu.

FERNANDO (*cruzando os braços defronte de Luís*)

O senhor é um homem a quem não pode propor-se um duelo. Entre dois homens que se batem é preciso que o pundonor tenha sido reciprocamente ultrajado.

LUÍS

Eu não me recordo de o ter ofendido ao senhor... Ainda assim... se me propõe um duelo... entre cavalheiros... há certas formalidades...

FERNANDO

Eu não lhe proponho um duelo... Vergonha para mim se lhe desse gota do meu sangue!... o que o senhor quiser... É um capricho de assassino por prazer... que move a puni-lo por ter atirado à desgraça uma frágil mulher que não pode travar armas consigo... Eu sou o pai da sua vítima, senhor! Tenho dito tudo.

LUÍS

Eu não o conhecia como tal...

FERNANDO (*com serenidade*)

Quer dizer que uma senhora, sem pai conhecido, pode ser arrastada pelos cabelos dos braços de sua mãe aos da prostituição, e daí às agonias do veneno, e do veneno à sepultura... E o mau homem que matiza com infâmias tais a sua existência, não é obrigado a descobrir-se perante a sociedade que lhe pede contas da mulher sacrificada a uma paixão feroz... A serenidade com que eu discuto, senhor... Bem vê que o estou estudando...

LUÍS

Há um meio pronto de reabilitar sua filha.

FERNANDO

Qual?

LUÍS

Não duvido casar com ela.

FERNANDO

Casar com ela!... O senhor pode porventura reabilitar mulher nenhuma!? Que pai lhe daria uma filha, homem três vezes infame!? Ofereceu-ma há pouco... cedeu-ma com o contentamento de um cigano que passa um péssimo cavalo... Miserável!... que tem ela agora que mais valha para ser mulher?... *(Tira, convulsivamente, uma pistola. Tropel no corredor, e luzes)*



CENA XII

Os mesmos e o administrador do Bairro, Escrivão, D. Maria e Criados.

ADMINISTRADOR *(lendo um ofício)*

Qual dos senhores é Luís de Abreu, natural do Porto?

LUÍS *(à parte)*

Estou salvo! *(Alto)* Sou eu, senhor.

ADMINISTRADOR

Siga-me; eu sou o administrador deste bairro, e prendo-o por ordens superiores.

LUÍS

Prontamente. *(Quer segui-lo).*

FERNANDO

Esperem.

ADMINISTRADOR

Não sofre delongas a execução do mandado do governo civil. Este senhor tem de ser posto em custódia imediatamente.

FERNANDO

Esperem. (*Para o administrador*) O senhor sabe por que é preso este homem?

ADMINISTRADOR

Por um crime de rapto.

LUÍS

Eu provarei que se não rapta uma mulher que nos segue muito por sua livre vontade. E demais, eu estou pronto a casar com ela.

FERNANDO (*para a autoridade*)

Diga-me: os infames desta ordem como são punidos em Portugal?

LUÍS

Note, Sr. administrador, que sou insultado vilmente por este homem... Estou debaixo da lei.

FERNANDO (*para o administrador*)

Responde-me, senhor?

ADMINISTRADOR

O crime de rapto tem penas designadas no código penal segundo as circunstâncias.

FERNANDO

Poucas palavras a uma pergunta simples... Há uma força? Um pai, rico ou pobre, pode levar à força o malvado que lhe atira. aos pés o cadáver desonrado de sua filha?

ADMINISTRADOR

Isso decide-se nos tribunais, mediante um processo.

FERNANDO

É muito demorado esse processo?

ADMINISTRADOR

Tem os trâmites da lei, testemunhas, depoimentos, provas, um juiz enfim.

FERNANDO

Que provas, senhor? O que são aqui as provas? Quem vem depor ao tribunal contra este homem? É essa mulher que aí está dentro agonizando?!

ADMINISTRADOR

Não sei... o preso é amanhã entregue ao crime, e seja-lhe vossa senhoria parte.

FERNANDO (*engatilhando a pistola*)

Eu não sou parte, sou juiz.

(*Abreu é ferido no peito, e cai sobre o canapé.*)



CENA FINAL

D. MARIA e D. MIQUELINA (*dentro*)

Está salva! está salva!...

D. MIQUELINA (*atribulada*)

Oh Carlos! que fizeste?... Nossa filha não morre!...

FERNANDO (*tranquilamente*)

Pois que viva. Não terá de corar diante desse infame... (*Para o administrador*). O preso sou eu, senhor.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com